

Papéis brasileiros têm forte alta no mercado externo

Títulos da dívida externa subiram 5,85% e a Bovespa fechou em alta de 6,34%

SERGIO LAMUCCI

O mercado brasileiro teve ontem um dia bastante positivo, marcado pela disparada dos títulos da dívida externa e da Bolsa. Num ambiente favorecido pelo bom desempenho das bolsas internacionais, as declarações do coordenador do programa de governo do PT, Antônio Palocci, de que o partido pretende manter, se ganhar as eleições, o esforço fiscal o quanto for necessário para equilibrar as contas públicas tiveram boa repercussão entre os investidores, levando o C-Bond a subir 5,85%, para 52% do valor de face, e a Bolsa a fechar em alta de 6,34%, a maior desde 5 de novembro do ano passado. O risco país caiu 8,66%, para 2.066 pontos. O dólar, por sua vez, recuou apenas 0,26%, fechando em R\$ 3,91, por causa de fatores técnicos específicos do câmbio — nos próximos 15 dias, os vencimentos de títulos cambiais totalizam US\$ 2,5 bilhões.

O economista-chefe do Banco JP Morgan, Luís Fernando Lopes, disse que os títulos brasileiros se beneficiaram, no começo do dia, da alta de papéis de países emergentes, que subiram embalados pelos rumores de que a agência de classificação de risco Moody's melhoraria o crédito da dívida da Rússia. A alta das bolsas americanas — o Dow Jones subiu 2,97% e o Nasdaq, 3,25% — também ajudou.

Mas o que realmente levou o C-Bond a romper a barreira de 50% do valor de face e provocou a disparada da Bolsa foram as declarações de Palocci, que reafirmou — num evento na Fiesp — o compromisso do PT com a manutenção do superávit primário (receitas menos despesas, exceto gastos com juros) o quanto for necessário para equilibrar as contas públicas, além de rumores de que o PT poderia, no governo, aumentar a meta fiscal de 3,75% para 5% do PIB. Segundo o estrategista-chefe do HS-

BC, Dawber Gontijo, esses fatores alimentaram a expectativa de que um governo petista manterá políticas fiscais apertadas, impulsionando os títulos da dívida e a Bolsa. Ele lembrou ainda que, nesta semana, integrantes do PT afirmaram que o partido pretende conceder a autonomia operacional ao BC. Além disso, também surgiram rumores — logo desmentidos — de que Luiz Inácio Lula da Silva (PT), se eleito, anunciaria a equipe econômica no dia 28, um dia após as eleições.

Analistas destacaram, no entanto, que a forte alta dos títulos da dívida e da Bolsa também se deve ao fato de que os papéis nos dois mercados estavam muito baratos. O Ibovespa acumula queda de 34,46% no ano mesmo depois da alta de ontem. Lopes disse que, no caso dos títulos da dívida, alguns investidores que apostavam na queda das cotações tiveram de desmontar essas posições às pressas, o que acentuou o movimento de alta. Por causa disso, ele entende que é prematuro afirmar que a recuperação do mercado é consistente.

O câmbio teve um dia menos positivo. Pela manhã, o dólar atingiu a máxima de R\$ 3,965. Segundo operadores, como o BC rolou 61% dos US\$ 3,6 bilhões de títulos cambiais que ven-

ceram ontem, era esperado que parte dos investidores que não conseguiram renovar seus papéis comprasse dólares. Mas, depois que a moeda atingiu R\$ 3,965, algumas instituições aproveitaram para embolsar os ganhos recentes, e o dólar caiu para R\$ 3,85. E, segundo analistas, é possível que alguns bancos tenham vendido dólares porque ainda não estavam totalmente ajustados às novas regras do BC que limitam a exposição cambial, o que deveria ter sido feito até a quarta-feira. "Mas esse impacto foi marginal", disse um operador. Mas, como há vencimentos significativos de títulos cambiais nos próximos dias — no dia 23, US\$ 1,1 bilhão, e em 1.º de novembro, US\$ 1,955 bilhão —, a demanda pela moeda aumentou no fim do dia. Segundo operadores, o BC vendeu cerca de US\$ 50 milhões à vista. (Com AE)

DÓLAR

RECUOU

0,26%, PARA

R\$ 3,91

